

Retórica-Ideologia-Informação: questões pertinentes ao cientista da informação?

Alcenir Soares dos Reis*

A discussão da relação retórica-ideologia-informação teve como objetivo suscitar interrogações em relação ao caráter retórico e ideológico inseridos na informação. Partindo da reflexão teórica sobre os conceitos e visando um exercício interdisciplinar buscou-se indicar a pertinência e as possibilidades de incorporação destes no âmbito da Ciência da Informação.

1 Introdução

Tendo em vista as interrogações suscitadas a partir das leituras e das discussões ocorridas no contexto da disciplina “Retórica da Informação”, oferecida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, considerou-se pertinente desenvolver uma reflexão em torno da questão da retórica e da ideologia, buscando analisar se ocorre, a nível dos conceitos, a indissociabilidade e a complementariedade entre eles. Somando-se aos objetivos antecedentes e face a relevância da questão definiu-se ainda por buscar apreender como estas dimensões conceituais são relevantes no campo da Ciência da Informação, tendo em vista que as mesmas poderão servir como um dos focos de análise para a questão informacional. Vale entretanto esclarecer que em decorrência da complexidade dos elementos em discussão, este texto visa fundamentalmente levantar indagações sobre a relação retórica-ideologia-informação, constituindo-se apenas em uma primeira aproximação ao referido tema.

Assim, tendo em vista os objetivos anteriormente explicitados, o texto se estrutura tendo como eixos orientadores da discussão as seguintes indagações:

- a) Como os conceitos teóricos de retórica e ideologia são instrumentos importantes para a leitura do real?
- b) Como se faz presente indissociabilidade e complementariedade na relação entre retórica e ideologia?
- c) Como incorporar a dimensão retórica e ideológica enquanto instrumentos críticos para leitura do campo informacional?

Na realidade os eixos norteadores da presente discussão têm como objetivo colocar em perspectiva a relação retórica-ideologia-informação, buscando realizar, em termos efetivos, um esforço de reflexão, no qual se contemple a dimensão interdisciplinar.

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG



2 Dimensões de leitura do real: retórica e ideologia

2.1 Retórica: visão conceitual

Considerando que não há uma única maneira de nos aproximar da realidade e ainda que, diferentes formas de aproximação nos possibilitaria perspectivas distintas de compreensão da mesma, considerou-se necessário discutir os conceitos de retórica e ideologia para que se possa, em momento posterior, aventar sobre as possibilidades que poderão advir como foco de análise, em termos da questão informacional.

Assim, tendo como base os textos de OSAKABE (1979) e REBOUL (1998) vamos sintetizar em termos conceituais, os aspectos fundamentais em relação a retórica, e em termos da tipologia dos discursos, sem entretanto nos preocuparmos em propor a aplicação da mesma à interpretação dos textos, tendo em vista o prisma sociológico norteador desta discussão.

Em termos históricos a retórica clássica começa com Aristóteles e tem continuidade, conforme apontado por REBOUL (1998) até o século XIX. Entretanto o sentido de “retórica” não é de fácil definição haja vista as diferentes acepções atribuídas ao termo, sendo porém importante apontar que há uma conotação formulada a nível de senso comum que a compreende como “sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa” (REBOUL, 1998, p.XIII) e a esta se contrapõe a acepção formulada por Aristóteles nos termos abaixo transcritos:

“Admitamos, portanto, que a retórica é a faculdade de descobrir especulativamente o que, em cada caso, pode ser apropriado à persuasão. Nenhuma arte tem essa função; todas as outras são, pelo seu objeto apropriadas ao ensino e a persuasão; por exemplo, a medicina (refere-se) aos estados de saúde e à doença; a geometria, as variações das grandezas; a aritmética, ao problema dos números, e assim as outras artes e ciências; mas podemos dizer que a retórica parece ser a faculdade de descobrir, especulativamente em qualquer dado, o persuasivo” (OSAKABE, 1979, p. 140).

Acrescentando a formulação antecedente e tendo como base o tópico de discussão denominado “Arte, discurso e persuasão” vamos encontrar proposto a seguinte definição: “retórica é a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 1998 p.XIV)

Sendo acrescentado por aquele autor os esclarecimentos pertinentes, ou seja, que não há uma aplicação universal da retórica sendo o escopo da mesma aplicável àqueles recursos que visam persuadir. De acordo com aquele autor, dentre estes se colocam um amplo leque de possibilidades, no qual se destacam:

“pleito advocatício, alocação política, sermão, folheto, cartaz de publicidade, panfleto, fábula, petição, ensaio, tratado de filosofia, de teologia ou de ciências humanas. Acrescentem-se a isso o drama e o romance, desde que “de tese”, e o poema satírico ou laudatório”
Grifos nossos

Assim, se a retórica se centra no caráter da persuasão, vale compreender que esta se realiza através de um processo que leva a crer em alguma coisa, sem necessariamente levar a fazer; por outro lado só se efetiva o caráter retórico se a persuasão se faz sem a ocorrência de mecanismos coercitivos. Assim, a retórica consiste em efetivar-se um discurso convincente em que o sujeito “convencido” não coloque em dúvida a legitimidade do processo.

a ela se atribui uma função de descoberta.

Somando-se aos aspectos descritos, destaca-se ainda a função pedagógica intrínseca à retórica, considerando que, para se efetivar o exercício de persuasão, torna-se necessário a articulação e o encadeamento dos argumentos, a escolha de um estilo compatível com a proposição a ser defendida, a utilização de figuras de linguagem que dêem conta de traduzir os argumentos e ainda, fazê-lo de forma vivaz, envolvendo-seduzindo leitor-ouvinte para que se atinja a persuasão. Dentro deste prisma é enfatizado ainda por REBOUL (1998) que aqueles elementos estão presentes não só como exigências no âmbito educacional mas como critérios fundamentais para a produção do discurso. Sob esta ótica torna-se patente que a retórica representa dimensão indissociável no que se refere ao processo de formação cultural.

Vale ainda apontar nesta discussão os aspectos concernentes à retórica e a dialética bem como a estruturação do sistema retórico, de forma que através desta compreensão teórico-conceitual se obtenha instrumentos de leitura aplicáveis ao processo informacional. Concretamente não é objeto desta síntese tratar das especificidades relacionadas aos termos de retórica e dialética. Fundamentalmente o que torna evidente nos argumentos indicados diz respeito à importância de Aristóteles na formulação da questão e talvez, o que é necessário incorporar, é o fato de que “a dialética constitui a parte argumentativa da retórica” (REBOUL, 1998, p.37). Entretanto é preciso entender a distinção entre ambas – dialética e retórica – haja vista que a argumentação tem caráter diferencial em cada uma delas. De acordo com o autor acima citado a primeira é um jogo especulativo e a segunda não; assim enquanto a dialética atua em uma argumentação de caráter especulativo a retórica tem como marca ser instrumento de ação social e deliberação. Assim a questão se sintetiza nos termos indicados a seguir:

“Em resumo, a retórica é uma “aplicação” da dialética, no sentido de que a utiliza como instrumento intelectual de persuasão. Mas instrumento que não a dispensa de modo algum dos instrumentos afetivos” (REBOUL, 1998, p.37).

No que se refere ao sistema retórico o mesmo se divide em quatro partes, correspondentes às fases pelas quais passa ou deve passar aquele que compõe um discurso. Vejamos portanto as diferentes fases e o que representa cada uma delas:

“A primeira é a invenção (heurésis, em grego), a busca que empreende o criador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso”.

“A segunda é a disposição (taxis), ou seja, a ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano”.

“A terceira é a elocução (lexis) que não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo”.

“A quarta é a ação (hypocrisis), ou seja, a proferição efetiva do discurso, com tudo o que ele pode implicar em termos de efeitos de voz, mímicas e gestos” (REBOUL, 1998, p.43-44).

Tendo em vista portanto estas fases torna-se possível afirmar que independente da destinação atribuída ao discurso, seu formulador necessariamente terá que compreender e articular os argumentos, dar-lhes ordenação, elaborar o

melhor discurso possível e ainda exercitar-se proferindo-o, ou seja, torná-lo ação.

Entretanto, visando complementar esta visão da retórica, tendo como base as formulações de REBOUL, 1998, é necessário indicar os três tipos de argumentos utilizados bem como os três gêneros oratórios denominados: judiciário, deliberativo (ou político) e epidíctico. Ainda, de acordo com Aristóteles, esta categorização tem relação com os tipos de auditórios aos quais os discursos se dirigem. Quanto aos três tipos de argumentos, que têm como função persuadir, são eles denominados “**etos e patos**, que são de ordem afetiva, e **logos**, que é racional” (REBOUL, 1998, p.47).

Assim, de acordo com o indicado por aquele autor e tendo em vista que o etos é o caráter que o orador deve assumir para obter a confiança do auditório, este etos, irá portanto variar em função das características do auditório a que se dirige. Dentro desta perspectiva o orador necessita “*preencher as condições mínimas de credibilidade, mostrar-se sensato, sincero e simpático*”. (REBOUL, 1998, p.48)

Quanto ao **patos** o mesmo é representado pelas emoções, paixões e sentimentos e o papel do orador é o de suscitar no auditório a ocorrência dos mesmos. Torna-se evidente portanto que a articulação do discurso passa pela captação da dimensão psicológica do público e que sua efetividade dependerá da capacidade do orador de adaptar-se à singularidade de cada auditório.

No que se refere ao **logos**, denominação que não é empregada por Aristóteles, o mesmo corresponde ao caráter argumentativo do discurso e nele se corporifica o aspecto dialético da retórica. Concretamente é possível inferir que **etos, patos e logos** têm que estar presentes no discurso, condição fundamental para que se concretize a persuasão.

Em termos sintéticos, a compreensão da retórica constitui questão fundamental haja vista que a mesma propicia:

- Entender o caráter argumentativo e emocional do discurso, ou seja, racionalidade e emoção;
- Compreender as estratégias subjacentes do discurso com vistas à persuasão;
- Apreender que o exercício da retórica constitui componente essencial da formação cultural dos sujeitos;
- Captar a especificidade da relação entre o processo de produção do discurso e o auditório, haja vista a singularidade que deve perpassar àquela construção;
- Identificar os mecanismos de persuasão.

Assim, se a discussão antecedente nos esclarece quanto ao significado e a importância da retórica torna-se necessário incorporar os aspectos conceituais relativos à ideologia, de forma que estes possam subsidiar o entendimento da relação retórica-ideologia- informação.

2.2 Ideologia: primeira aproximação à questão

Inicialmente é oportuno explicitar que o conceito de ideologia é também de significativa complexidade, razão pela qual sua recuperação neste texto decorre do objetivo de buscar responder as interrogações anteriormente indicadas, ou seja,



retórica-ideologia são indissociáveis e complementares? Qual a contribuição que o entendimento destes conceitos representam para a Ciência da Informação?

Conforme assinala LÖWY (1985) no texto utilizado como base para esta discussão o conceito de ideologia é um dos mais complexos em Ciências Sociais, haja vista a gama de significados a ele atribuídos, razão pela qual o mesmo é perpassado por uma *“acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambigüidades, de equívocos e de mal-entendidos”* (LÖWY,1985,p.11).

Do ponto de vista histórico há um longo percurso na constituição do conceito, tendo sido o mesmo inventado por Destutt de Tracy em 1801, filósofo francês pouco conhecido e, conforme esclarece LÖWY, o mesmo representava um discípulo de terceira categoria dos enciclopedistas.

Nos termos de Destutt de Tracy *“a ideologia é o estudo científico das idéias e as idéias são o resultado da interação entre os organismos vivos e a natureza, o meio ambiente”* (LÖWY,1985, p.11), enquadrando-se tal estudo como um subcapítulo da Zoologia.

Posteriormente, em decorrência do conflito entre Napoleão, Destutt de Tracy e seu grupo, o primeiro irá fazer um discurso atacando-os, ocasião em que os cunhará como ideólogos, mas atribuindo a este termo sentido distinto daquela primeira conceituação. Napoleão ao denominá-los de ideólogos vai fazê-lo com a seguinte acepção, ou seja, *“os ideólogos são metafísicos, que fazem abstração da realidade, que vivem em um mundo especulativo”* (LÖWY,1985, p.11). Daí, em decorrência da posição de poder e do lugar social ocupado por Napoleão o termo torna-se carregado de força simbólica, indicando que ideólogos são especuladores metafísicos que ignoram a realidade. Será portanto dentro desta ótica que o termo vai ser encontrado por Marx em revistas, debates e jornais e sua utilização se dará *“a partir de 1846 em seu livro chamado A ideologia alemã”* (LÖWY, 1985, p.12).

Assim haverá mudanças de significado entre a formulação de Destutt de Tracy, Napoleão e posteriormente por Marx que lhe dará outro sentido. Desta forma, no texto de *“A ideologia alemã”* e de acordo com o indicado por LÖWY, *“o conceito de ideologia aparece como equivalente a ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real”* (LÖWY,1985, p.12).

Entretanto as mudanças na acepção do conceito de ideologia não param aí. Ocorrerá, dentro do próprio marxismo distinção. Assim, se para Marx o conceito de ideologia tem um caráter pejorativo, considerando que o mesmo representa uma consciência deformada da realidade, Lenin vai apontar a existência de uma ideologia burguesa e de uma proletária, dando-lhe uma dimensão ampla, compreendendo *“a ideologia como qualquer concepção da realidade social ou política vinculada aos interesses de certas classes sociais”* (LÖWY,1985, p.12).

Somando-se aos aspectos apontados anteriormente haverá ainda, sob a perspectiva sociológica, a tentativa de ordenação do conceito, efetivada por Karl Mannheim, e apresentado no livro *Ideologia e Utopia*. De acordo com a distinção elaborada por Mannheim ideologia e utopia referem-se a dimensões diferentes da realidade. Nos termos de Mannheim: *“...ideologia é o conjunto das concepções, idéias, representações, teorias que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução da ordem estabelecida”* (LÖWY,1985, p.13); quanto as utopias as mesmas podem ser compreendidas como *“...aquelas idéias, representações e teorias que*

- a eficácia da dominação ideológica requer que a mesma se realize pela circulação das normas e valores dominantes, possibilitando a identificação e a localização dos indivíduos nos diferentes espaços sociais sendo, internalizado portanto como algo natural, e com um caráter de “invisibilidade” para todos que a vivenciam;
- a ideologia requer, como aspecto nuclear, que a representação e a prática do real se efetive sob uma lógica corrente. Para que esta ocorra CHAUÍ (1980) assinala que dois mecanismos são necessários que se façam presentes, ou seja “a lacuna e a eternidade” (p.25). De acordo com o argumentado pela autora

“a lógica ideológica é lacunar, ou seja, nela os encadeamentos se realizam não a despeito das lacunas ou dos silêncios, mas graças a eles; por outro lado, sua coerência depende de sua capacidade para ocultar sua própria gênese, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada desde todo e sempre, como um “fato natural” ou como algo “eterno” (CHAUÍ, 1980, p.25).

A ideologia, nos termos da análise efetivada pela autora, constitui “uma lógica de dissimulação (da existência de classes sociais contraditórias) e uma lógica de ocultação (da gênese da divisão social)” haja vista que a mesma, em função de sua própria constituição (anterioridade do *corpus* de representação do real, internalização de um imaginário no plano individual e coletivo como algo natural e a lógica lacunar) propiciam condições para que sejam dissimuladas as contradições do real, mantendo-se, de forma dominante, o *status quo*. (CHAUÍ, 1980, P.26)

Subsidiando-se em Claude Lefort e enfatizado ainda pela autora que constitui estratégia fundamental da ideologia, passar do *discurso de* ao *discurso sobre*, operação que se efetiva em diferentes momentos históricos, passíveis de serem detectados, podendo ser identificados, dentre outros na ciência, na filosofia, na pedagogia. Conforme explicitado “o *discurso sobre*, em geral, *oculta seu caráter ideológico chamando-se a si mesmo de Teoria*” (CHAUÍ, 1980, p.26).

Face portanto aos aspectos teóricos discutidos em relação a retórica e a ideologia e as questões relevantes advindas dos mesmos, como base para a interpretação do real, parece importante prosseguir com vistas a detectar a possível indissociabilidade e complementariedade entre os termos retórica e ideologia.

Entretanto, antecedentemente à realização da discussão acima apontada definiu-se por apresentar algumas questões relativas à informação de forma a subsidiar o entendimento da interação retórica-ideologia-informação haja vista a importância destas para a ação do cientista da informação.

3 Informação: uma perspectiva problematizadora

Tendo como base as discussões que se efetivam no campo da ciência da informação deparamo-nos com uma compreensão, de certa maneira dominante, presente nas diferentes formulações, de que a informação na contemporaneidade constitui o instrumento chave para a inserção dos sujeitos, para a transformação da realidade, bem como fator crucial para a produção.

Em termos teóricos a literatura advoga sua importância de forma inclusive

apologética, apresentando-a como *quarto poder na sociedade*, pela conferência do atributo de *sociedade da informação* ou *era informacional* uma vez que a sociedade contemporânea se fundamenta cada vez mais em leituras e releituras de informações disponíveis na sociedade. Por outro lado a questão informacional amplia-se e ganha maior visibilidade como resultante do desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias micro-eletrônicas que estão permitindo cada vez mais utilizar-se em uma velocidade antes impensável, das resultantes advindas dos processos de produção, armazenamento, processamento e utilização do conhecimento.

Na realidade os argumentos de diferentes autores enfatizam a centralidade da informação não só para o sistema produtivo mas como instrumento de democratização e cidadania, à medida que se considera que a disponibilidade e acesso à mesma, constituiria elemento crucial para a transformação social.

Entretanto, se estão presentes nas análises relativas à informação os aspectos apontados anteriormente é importante a estes se acrescentar, como elementos para reflexão, alguns questionamentos em relação à diversidade de conceitos, as contradições que nela perpassam, notadamente em termos das possibilidades de sua democratização e ainda o caráter multidisciplinar característico da ciência da informação. Visando explicitar os pontos assinalados vale inicialmente recuperar a etimologia e um dos sentidos atribuídos ao conceito, conforme descrito a seguir:

“... etimologicamente, a palavra informar “vem do latim informare”, significando “colocar em forma”. Esta etimologia parece assim privilegiar a forma sobre o conteúdo” (BOUCHE, 1998, p.100)

“...como várias palavras com sufixo em /ção/, a palavra informação possui dois sentidos: ela significa ao mesmo tempo o resultado do ato de informar e o próprio ato” (BOUCHE,1988, p.100)

Acrescentando-se à perspectiva antecedente vale destacar a proposição de Le COADIC,1996 demarcando a necessidade de romper com a visão camaleônica que historicamente marcou a constituição do conceito, propondo reter do amplo espectro de formulações teóricas, *“aquele que está relacionado com a cognição e a comunicação humanas”* (Le COADIC,1996, p.5). Face a esta perspectiva propõe a conceituação apresentada a seguir: *“A informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”* (Le COADIC, 1996, p.5).

Prosseguindo, tendo como fonte a discussão realizada por MOREIRA, 1998 no que se refere às concepções de informação, destacamos os elementos daquela reflexão, notadamente no que se refere à postura de HORTON, 1979 e BUCKLAND,1991. Conforme apontado naquela discussão a informação para HORTON,1979 constitui *“um processo que resulta do ato de coleta, armazenamento e transmissão de dados que possuem significado específico ou valor para quem os realiza”* (MOREIRA,1998, p.41). Quanto a posição de BUCKLAND,1991 é de que a informação se apresenta *“como ato de informar ou comunicar algo”*, pode ser classificada, primeiramente como *processo*. Quando relacionada a dados e documentos, pode ser visto como *“coisa, já que é possível tocá-la e medi-la (...)* *A seguir, relaciona a informação ao conhecimento pois como ele, ela também é*



engendram.

Em face dos aspectos explicitados, torna-se relevante considerar:

“(...) o culto à informação leva a idealização do mundo, como se o mundo fosse imaterial: só a informação bastaria. É exatamente aqui que a informação é apenas parte do processo de trabalho. Pouco importa dizer que é a parte intelectual ou intelectual do trabalho. Claro que é. Mas nem por isso deixa de ser trabalho. E, se é trabalho regido pela lógica mundializante do capital, ela também é trabalho explorado e explorador. Pode ser intelectual o quanto for. A informação, vista como aquela coisa iluminada e iluminadora de que falam a Ciência da Informação e os meios de comunicação, tida como luz, a informação encobre as contradições da reprodução ampliada do capital” (MOSTAFA, MARANON, 1992, p.210).

Por outro lado se analisarmos a informação enquanto elemento dinamizador das estruturas econômicas e como instrumento para inserção dos indivíduos no âmbito da cultura, veremos que a mesma permite ao homem dialogar criticamente com o seu tempo e ser por ela influenciado, notadamente se tivermos clareza que em seu processo de difusão carrega a dualidade de atuar, contribuindo ou não, para a dimensão de alienação.

Concretamente, revendo-se os diferentes aspectos desta discussão torna-se possível assinalar a importância e as contradições que se encontram presentes na questão da informação à medida que se torna visível que, mesmo com a viabilidade tecnológica posta hoje pelo aparato de produção, a mesma é de extrema complexidade, haja vista nela se encontra presente uma dimensão de mercadoria – quem tem capacidade de produzi-la também a controla -, uma dimensão de poder, que é garantido a quem a possui e, contraditoriamente, uma visão idealista do seu livre acesso e difusão.

Somando-se aos pontos anteriormente indicados torna-se relevante retomar a discussão de ser a mesma o *quarto poder*, a *sociedade da informação* ou *era informacional* devendo interrogar-nos: *“quarto poder para quem?”*, *“sociedade da informação em que contexto?”*, *“era informacional para quais grupos?”*.

Assim, se tais questionamentos são pertinentes em relação ao domínio, circulação, disseminação da informação, é necessário ter-se claro também que ela se constitui em instrumento chave para a internalização e compreensão da realidade, desde que pensada além de sua proliferação, mas entendendo-a como instrumento de aproximação do real, que exige de quem a recebe um processo de crítica e reflexão, transformando-a em conhecimento.

Reforça-se então que apenas sua disponibilidade não é suficiente; é preciso garantir que os sujeitos possam confrontar as diferentes informações obtidas e divulgadas, com vistas a produzir uma síntese que os mergulhem na historicidade dos processos sociais. Desta forma e em decorrência dos argumentos apresentados propõe-se compreendê-la sob o seguinte prisma:

Informação – substrato da vida social, fundamental à compreensão dos fenômenos, requerendo daquele que a recebe submetê-la a um processo de análise, crítica e reflexão, para que, inserindo-o na historicidade dos processos sociais possa ser incorporada como conhecimento, norteando a ação.

Assim, efetivando-se a internalização sob tal perspectiva acredita-se que a mesma poderá atuar como desencadeadora tanto da emergência das diferentes



desenvolvimento desta reflexão, que permitiu apreender alguns dos aspectos nos quais retórica e ideologia poderiam ter efetividade, realiza-se a seguir a indicação das aplicáveis prováveis dos mesmos em termos da ciência da informação.

Entretanto, anteriormente às indicações, torna-se importante delinear a especificidade e o âmbito da informação, assinalada nos seguintes termos: “*estudar a produção, organização e utilização da informação pela sociedade*” (CARDOSO, 199?, p.4), sendo necessário ainda rememorar, de forma sucinta, que o exercício retórico se realiza sem o uso do recurso da coerção à medida que sua função precípua é o convencimento. No que se refere a ideologia, à medida que prescreve como agir, pensar e sentir, atua, com o suporte do processo de socialização, como o mecanismo através do qual vão se imprimindo nos sujeitos uma visão de mundo. Por outro lado como as visões construídas socialmente são àquelas veiculadas pelas classes hegemônicas, a ideologia termina por produzir um ideário de explicação e naturalização das diferenças e contradições sociais atuando desta forma na legitimação da ordem vigente. Face a estas constatações vale retomar a questão: Como se relacionam retórica-ideologia-informação?

Assim, buscando aclarar os questionamentos que vêm sendo apresentados, indica-se a seguir, como reflexão, uma visão quanto a esta provável intermediação.

Inicialmente cabe, a partir do próprio objeto da ciência da informação, evidenciar que tanto no processo quanto na organização da informação neles estão presentes retórica e ideologia. Concretamente o processo de produção de informações consolida, na realidade, a representação de diferentes discursos que têm tanto a função de persuadir quanto advém de diferentes lugares sociais, estando portanto impressos nas mesmas visões de mundo, ou seja, buscam persuadir e consolidar as concepções hegemônicas.

Em relação a organização e utilização da informação a medida em que são ações nas quais interagem sujeitos concretos e face à consideração de que estes encontram-se inseridos numa realidade dada é possível inferir que tantos os processos orientadores da organização quanto da disponibilização das mesmas se fazem perpassadas pelo recorte ideológico destes sujeitos, haja vista a inexistência de neutralidade – concretamente as posições se fazem no sentido de manutenção da ordem ou da transformação social – razão pela qual anteriormente ao confronto teórico torna-se necessário o posicionamento político.

Acrescentando-se aos elementos acima discutidos entende-se como relevante que o cientista da informação ao pensar em sua prática e em consideração ao usuário, eixo fundamental de sua ação, compreendendo-o como sujeito de demandas e necessidades, pergunte de qual lugar social o mesmo advém, condição importante para a apreensão de suas demandas.

De forma sintética podemos colocar que compreender a interação entre aqueles conceitos deve facilitar o exercício de diferentes ações destacando-se dentre elas:

- captar o caráter subjacente dos discursos;
- possibilitar a reflexão e o confronto crítico entre as diferentes informações;
- construir espaços de reflexão juntamente com os usuários para que se identifique a dimensão persuasiva e ideológica dos discursos;
- tornar explícito que bibliotecas, centros de informação são lugares

privilegiados no qual se fazem presentes visões antagônicas e contraditórias, a medida que refletem em sua historicidade, condições econômicas, políticas e culturais, sendo portanto a representação retórica e ideológica da realidade.

Vale ainda ressaltar que o presente exercício de reflexão, ao buscar indicar as possíveis interações entre retórica-ideologia-informação decorre de um desafio de buscar efetivar a interdisciplinaridade em sua concretude.

**Rethoric-Ideology-Information:
Is this discussion relevant to the information scientist?**

This paper presents a discussion on the rethoric-ideology-information relationship with the objective of raising questions about the rethorical and ideological dimensions which are present in information. After a theoretical and interdisciplinary reflection about these concepts, the paper attempts to indicate the relevancy of this discussion and the possibilities of its incorporation on the theory of information science.

159

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. *Ciência da Informação*, Brasília, v.20, n.1, p. 37-44, jan./jun. 1991.
- ATAÍDE, Maria Elza Miranda. O lado perverso da globalização na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.3, p.268-270, set./dez. 1997.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, p.405-414, set./dez. 1996
- BOUCHE, Richard. Ciência da Informação: ciência da forma. *Ciência da Informação*, Brasília, v.17, n.2, p. 99-104, jul./dez. 1988
- CARDOSO, Ana Maria. *Processo de construção da cidadania: um desafio à universidade*, (s.n.t) p. 1-4.
- _____. Pós-modernidade: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.63-80, jan./jun. 1996.
- _____. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo de Informação Social. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.107-114, 1994.
- CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: CASTELLS, Manuel et al. *Novas Perspectivas Críticas em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, Cap.1, p.3-32.
- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, n.5, p.24-30, jan.1980.
- ECO, Humberto. *A mensagem persuasiva*. In: *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.73-82.
- _____. *Retórica e ideologia*. In: *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 83-94
- EUGÊNIO, Marconi, FRANÇA, Ricardo Orlandi, PEREZ, Rui Campos. Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.27-39, jan./jun. 1996
- FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas da informação e novas percepções do usuário. *Ciência da Informação*, v. 25, n.2, p.217-223, maio/ago. 1996.
- FEYNMAN, Richard P. Informação: instrumento de dominação e submissão. *Ciência da Informação*, Brasília, v.20, n.1, p. 37-44, jan./jun. 1991.
- FLECHA, Ramón. As novas desigualdades educacionais. In: CASTELLS, Manuel et al. *Novas Perspectivas Críticas em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, Cap.1, p.33-52.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 258p.
- Le COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996, 119p.
- LÖWY, Michel. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 5.ed.. São Paulo: Cortez, 1989.

Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 145 - 160, jul./dez.1999

